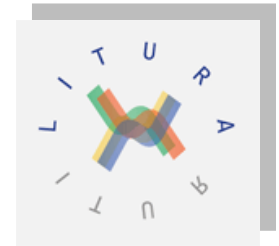


SORTE NO JOGO AZAR NO AMOR – O amor e a *mourre*♦

Marcus André Vieira



Referência:

Vieira, M. A. Sorte no jogo azar no amor – O amor e a *mourre*. Disponível em:

<http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/sorte_no_jogo_azar_no_amor_pdf_1.pdf>. Acesso em (ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso).

Introdução

O tema de nosso Encontro desloca-se no horizonte do real do sintoma, não mais tido unicamente como mensagem a ser decifrada. Pensar o parceiro-sintoma é um convite a examinar as referências de Lacan no que concerne a passagem de 'só se goza através do falo' a 'só se goza com o sintoma'. Neste registro, o que se pode esperar da análise é suportar o real de um sintoma que não faz cadeia, que não se articula como mensagem, ou seja, que se sustenta fora da transferência - já que é na transferência que o sintoma ganha sentido. Com a promoção do significante "parceria" estamos situando um nó que faz cadeia, indicando ainda que é a partir do sintoma que se constitui este nó e que é desta forma que aparelha-se o gozo. Isto tem o mérito de situar de saída a impossibilidade da relação sexual e de relegar ao casamento, ao amor e à felicidade seu papel secundário (secundário aqui no sentido de um segundo momento do ponto de vista da estrutura). Se situamos o sintoma como nó da parceria, poderíamos situar o Nome-do pai como o chefe da família e o amor como o pai dos casais. Gostaria então de interrogar o real do sintoma a partir do amor, abordando a parceria a partir do casal. Talvez possamos então situar melhor o parceiro-sintoma. Minha chave será a delimitação da relação do amor com a paixão, que nos ajudará a compreender a especificidade de uma parceria específica indicada por Lacan, a do jogo da *mourre*.

Entre *Liebe* e *Verliebtheit*

Começamos por delimitar uma certa dificuldade em Freud quanto aos termos *Liebe* e *Verliebtheit*. Em 1910, em seu texto sobre a psicanálise selvagem, Freud considera inútil insistir em uma distinção entre amor e sexualidade, pois o amor seria o componente psíquico da sexualidade que pode ser, e que quase sempre o é, inibida, mas que está sempre presente. Ele indica ainda que com o termo *Liebe* estamos nos referindo ao mesmo tempo a estes dois planos. No mesmo sentido e de forma ainda mais explícita, ele indica em 1921 em "Psicanálise das massas..." que *Liebe* resume toda a esfera do sexo e da ternura enfatizando que a língua criou a palavra *Liebe* em suas múltiplas acepções e que o melhor é tomá-la como tal. Podemos, entretanto, acompanhar um outro caminho conceitual que não segue na mesma direção. Em 1915 ("Pulsões e destinos das pulsões") ele trata de maneira diferenciada as pulsões e o amor, este é o único que é tratado à parte, sendo capaz de se inverter em seu oposto. Freud segue aqui uma noção já indicada desde 1905, no caso do Homem dos Ratos, quando distingue *Liebe* e *Verliebtheit*, apontando para o fato que o enamoramento funciona por pares opostos.

Parece então que Freud situa com *Liebe* tanto o Eros-Um, de completude, que segue o mito platônico, quanto e a paixão, destrutiva e violenta, mas é legítimo também supor que com a tensão entre *Liebe* e *Verliebtheit*, ele indica e isola estas duas vertentes do amor. A sexualidade parece estar incluída nos dois

♦ Comunicação nas XIIs Jornadas Clínicas da EBP-Rio, 1999.

lados, mas a clivagem entre a vida amorosa e a vida sexual, que responde ao recalque e que foi por diversas vezes acentuada por Freud, parece conduzir a uma escolha.¹ A cisão da vida sexual e da vida afetiva que constitui o homem neurótico perdido entre a santa e a prostituta, permite uma leitura onde o sexual manifesta-se nas pulsões parciais do enamoramento, e o amor, terno e Um, fica dessexualizado. Constatamos então esta oscilação onde o amor é ao mesmo tempo terno e sexual, onde o enamoramento apaixonado parece mais sexualizado que o amor. Neste sentido cabe observar que o enamoramento ganha proporções importantes, pois podemos aplicar esta concepção do enamoramento à transferência, também situada por pares opostos, positiva e negativa, motor e obstáculo ao tratamento. Neste sentido ela é antes enamoramento que amor.

Entre o mito e a paixão

O enamoramento ganha tamanha proporção que podemos nos perguntar aonde está então o amor sem enamoramento. É justamente por este viés que Lacan resolve a oscilação indicando que o amor, sem paixão, é apenas um mito.²

Para chegarmos a esta noção do amor como mito que dá sustentação à paixão, que só será explicitada por Lacan tardiamente em *Televisão*, podemos observar que Lacan já indicava algo neste sentido desde seu primeiro seminário. O amor não é a simples fascinação imaginária, pois esta não é suficiente para dar conta daquilo que no amor visa um mais-além do espelho. Desde o seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan teoriza este "mais-além", cunhando a expressão *paixão do ser* para situá-lo. Neste universo fascinante do amor, Lacan insiste na subordinação da captação imaginária, da *Verliebtheit*, ao saber, afirmando que a paixão de Werther, mesmo se seu desencadeamento é estreitamente associado à visão de Lotte com uma criança nos braços, sustenta-se em uma trama significativa. Os efeitos desta paixão recebem suas coordenadas desta trama e ganham sentido a partir dela.³

Vamos abrir um breve parêntese aqui para indicar que esta estrutura se mantém do *Seminário I* à *Televisão*. Tomemos um ponto entre estes dois extremos: no seminário sobre angústia, por exemplo, na cena descrita por Sto. Agostinho, onde a criança dirige um olhar de ódio intenso a seu irmão que mama no seio materno, não é mais o outro imaginário, mas o outro como suspenso ao objeto, que desperta ódio, é o outro completo com o objeto *a* que desperta amor. Acrescenta-se a pulsão e o objeto, mas mantém-se a estrutura: é só porque há uma idéia de completude, de recaptura do objeto perdido que há a paixão.

O Mito do Um

Bem mais tarde, é o que nos interessa aqui, Lacan retoma esta clivagem de outra maneira. "O amor é apaixonante" afirma Lacan em "Les nons dupes errent". É o mito do Um que permite a paixão, mas ela não é este mito. O amor não é mais a paixão ele a desperta, passando de predicado a sujeito. A articulação agora é explícita: há uma tensão entre o Um (Eros) e a paixão que não podem mais ser superpostos. Esta decomposição do *Liebe* freudiano ajuda a entender sua estrutura e introduz uma nova vertente para abordá-lo. Com efeito, Lacan desloca o amor da relação entre o afetivo e o sexual para a relação entre o Um e o Real.

Encontraremos uma outra forma de estabelecer esta relação, que me parece muito esclarecedora, no seminário *Encore*, onde teremos o Um representado pela necessidade e o real pela contingência: "*o deslocamento da negação do cessa de não se escrever ao não cessa de se escrever, da contingência à necessidade, é o ponto de suspensão ao qual se vincula todo amor*".⁴

Parece claro então que o amor é a miragem de uma relação sexual possível, estabelecida a partir de um encontro contingente. Ele tenta fazer deste contingente um necessário. Não é nada além de um sonho acreditar que neste encontro exista a mínima permanência, mas neste sonho funda-se o amor que, por sua vez, garante ao sonho sua perenidade por criar condições propícias ao encontro.

Se este sonho dura, temos a angústia, que é a marca da introdução da contingência real na necessidade do imaginário. A partir daí, podemos propor uma distinção, ainda que um pouco forçada, entre os afetos e as paixões, para melhor situar a paixão amorosa. Inicialmente temos a angústia, no ponto de abertura ao real. Os afetos seriam uma maneira de fechar esta abertura, onde a certeza de ser afetado em seu corpo consolida Um sentido. As paixões, onde Lacan inclui o amor, não estariam na mesma posição porque, apesar de também consolidarem Um sentido, criam condições para o encontro por fazer Um sentido a partir do outro imaginário.

L'insu que sait

Podemos agora abordar nossa questão inicial. A estrutura do amor desvela o que Freud ensina sobre a transferência. É preciso acreditar no mito para obter algo de real. Há que se acreditar na relação sexual senão não há encontro, mas então como se estrutura esta outra via onde se insere a psicanálise? Como fazer deste amor uma porta para o real? Como suportar um sintoma real, fora da transferência? Coloquemos a questão ainda de outra forma. É preciso ser tolo (*dupe*) para poder amar/viver. É preciso a ignorância (vemos como as paixões do ser são indissociáveis) da castração. É preciso não saber para sonhar, acreditar na miragem do Um para encontrar este pouco de real. Não saber o quê? Do inconsciente, que revela esta estrutura. Mas como não saber do inconsciente e ao mesmo tempo sabê-lo, ponto onde se insere a psicanálise?

Podemos examinar então uma forma de relação/parceria que me parece bastante instrutiva a partir do título do seminário de Lacan *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. A este título é impossível fixar Um sentido mas podemos privilegiar dois destes. O primeiro se liga à homofonia: Pode-se ouvi-lo como *L'insuccès de l'Une-bévue c'est l'amour*, "O insucesso do inconsciente (*Une-bévue*, um-vacilo, como Lacan traduz *Unbewuste* de Freud,) é o amor". Esta frase corrobora e sintetiza o que vimos até aqui. Mas este título pode nos ensinar muito mais. Dissemos que é preciso um certo não-saber para se viver, mas isto parece contraditório com a psicanálise, pois tratarse-ia de um não saber do inconsciente. Então a psicanálise deve propor algo novo: um novo amor e um novo saber, que tem necessariamente que ter uma estrutura de um saber que não se sabe.

A partir daí podemos propor, seguindo uma via mais literal, a seguinte maneira de se ler o título de Lacan: *de l'une bévue que sait l'insu c'est la mourre*. "Algo do inconsciente, que sabe o não sabido, é a *mourre*"

La mourre

Neste ponto interessa-nos sobremaneira o que vem a ser esta *mourre* que Lacan insere em seu título. Trata-se de um jogo. O termo vem do latim *mora* que através do italiano *morra* chegou à *mourre* em francês e que tem o mesmo radical de *demora*, ou de juros de *mora*, algo fixado como atraso, mas também, interrupção e suspensão.

Apesar de inúmeras variações, o jogo se situa entre o par ou ímpar e a porrinha onde cada participante deve exibir um número de zero a dez ao mesmo tempo que diz o número que, segundo ele, corresponderá à soma dos dois números exibidos.

Se meu número deu certo eu o sabia sem o saber. Só o sei quando as mãos se abrem, mas este saber contingente, se apresenta como necessário. Nada do que o jogador sabe pode auxiliá-lo em sua escolha que se dá ao acaso, em suas vertente de *tuché* a partir de um *automaton* significante. Ele tem um saber não sabido que é validado pelo saber sabido do *automaton*, matemático no caso.

Esta relação indica um cimento libidinal, amoroso, portanto, que não é mais fusão, que precisa de dois que não mais perfazem Um. Podemos tentar superpor esta parceria ao encontro de um analista e um analisante. O analista ama o analisante, mas não através do mito do Um. Ele joga um jogo onde as regras são apenas meio sabidas e onde ele tem a vantagem de conhecer seus números, mas isto apenas enquanto ele joga e aprende a cada vez que seus números são marcados, são cifras sintomáticas de gozo que não poderão mudar mas que se recobrem de envoltórios significantes inumeráveis. Ele só é jogador

por estar jogando e não por um "ser" de jogador que teria sido descoberto ou mesmo um de "saber jogar". Do lado do analisante, temos a seguinte experiência: joga-se porque quer-se aprender regras que o analista não ensina, só joga. Ao se apreendê-las pode-se jogar com qualquer um, liberta-se da transferência então. É justamente este poder jogar que situa o sujeito como analista, no ponto onde é possível continuar no mundo e nas parcerias sem a escora do mito do Um.⁵ Uma ética do contingente se depreende. Somente enquanto jogo sou jogador, somente segundo certas regras que são a cada vez inventadas.

L'amour c'est passionnant (...) mais ça implique qu'on y suive la règle du jeu. (...) C'est peut-être ce qui manque: c'est qu'on a toujours été dans une profonde ignorance, à savoir qu'on joue un jeu dont on ne connaît pas les règles. Alors si ce savoir, il faut l'inventer pour qu'il y ait savoir c'est peut-être à ça que peut servir le discours psychanalytique. "Le Séminaire Livre XXI (Les non-dupes errent)", 1973-1974, (inédit) séance du 12/3/74.

¹ Cf. p. ex. " "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" e "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens" Freud, S. *Standard Edition*, Londres, Hogarth Press, 1973, vol. XI).

² Essa é a crítica que Lacan fará a Freud em *Televisão*: este *Liebe*, trasmutado, a partir de 1920 em "Para além do princípio do prazer", em mito de Eros, da união, da vida, oposto a Tanatos, é o mito do Um onde cai Freud (cf. *Télévision*, Paris, Seuil, 1974, p. 41).

³ "Aprendam a distinguir o amor como paixão imaginária do dom ativo no qual ele se constitui no plano simbólico", Lacan, J, *Le Séminaire, Livre I, (Les écrits techniques de Freud)*, 1953/54, Paris, Seuil, 1975, p. 304.

⁴ Lacan, J, *Le Séminaire, Livre XX, (Encore)*, 1972/73, Paris, Seuil, 1975, p. 132.

⁵ Lembremos a indicação de Lacan: *Encore me faut-il pour m'y maintenir au vif de ce qui m'y autorise, ce procès toujours le recommencer* ("L'Étourdit", *Scilicet* vol. 4, Paris, Seuil, 1974, p. 50).